

Eduardo Dall'Alba

"A poesia do interdito", 2013

Não raro a poesia maior emerge de uma voz distante no mapa, mas de força incontida, com o tema da morte, como em Clarice Lispector fez na prosa. A poesia da brasileira Vera Lúcia de Oliveira é lacerada pela dor, e, no entanto, capaz de se erguer como um denso corolário onde se enfeixam várias fomes. Toda é grito mudo. O grito, no entanto vem colmado de uma escrita que avança algumas questões postas pelo cânone das poesia ocidental, adentrando num universo variado pelas mesmas 20 palavras, na exatidão de seus poemas. Nenhuma palavra sobra.

Se a temática é das difíceis: a morte, a dor, a perda, a laceração posterior a isso, a densidade do discurso não deixa espaço para a dúvida. Uma grande poeta se faz pela economia verbal e na exatidão do vocabulário que utiliza, fazendo surgir a alta poesia, seca, no limite extremo do sentido. Não é poesia de fluir por entre a banalidade e/ou a superfície das coisas e das pessoas, mas antes, do corte, da laceração mesma, do sentido primeiro das palavras, pretensão que logra efeito imediato na leitura dos poemas.

A distância entre as gerações, as falas e os gestos pretendidos, tudo se abarca no poema. Desse modo o primeiro poema são todos os poemas, e qualquer deles, remete ao anterior e ao posterior, porque o que fala ali é a dor e a leitura crua do mundo, em densidade exata, na palavra justa, onde não sobram migalhas de discurso retórico, como acontece em grande parte da literatura atual mundial, sobre o tema da morte:

Meu Pai

*Meu pai que conheci quando se conhece a morte
e todas as mãos que deixou*

*eu vivia para imaginar o gesto
esculpir o carinho
e fiquei assim com esse peso de coisa por completar
lista de compras
herança que não desemboca*

*árida como uma enchente
deserta como um campo de milho não semeado.*

Poema e verdade poética se entrelaçam para falar da dor, coisa não comum na poesia brasileira, aproximando a poeta do discurso seco, no limite da linguagem do Sentimento do mundo, de Carlos Drummond de Andrade:

*Não, não é triste o poema
não é triste o poeta
triste é o mundo
o mundo é que é triste.*

A poesia como uma dor lancinante e ininterrupta:

*A poesia dói dentro de mim
Como quando meu pai podava a parreira.*

Ou ainda, como aprendizado da dor pela lição das quatro virtudes cardeais que apontam para a humildade como forma de reconhecimento do humano no poema: Mas a humildade:

*Mas a humildade não se aprende
se tem
ou não se tem, é assim
e porque um guarda o céu
ou o mar
o seduz a distância diante de um tio morto
e pensa
A humildade um pode tê-la de verdade*

*mas diante de todas as coisas que
desaguam no rio
que somos*

*diante destas coisas e de outras
a humildade é uma coisas que faz ter vontade de aprender
o imensurável
de aprender o infinito.*

Ou ainda na concepção do mundo menor, do mundo não reconhecido, não oficial, que não está na folha do calendário e, no entanto existe, com a força do movimento de uma Rua de Comércio:

*Sou poeta da cidade magra
da cidade que não
caminha
sou dessa planicidade
sou da violência das vidas
poeta da cidade que afunda casas
e pessoas
sou da puta da cidade que só tem
superfície
amanheço todo dia nua e estreita
como uma rua de comércio.*

Urbano mundo, onde a poeta transige com o pouco espaço, o emparedamento, o sufocamento, a superficialidade do que se oferece á visão, guardando o registro entre a aparência e a essência, no revelar-se a cidade que afunda casas e pessoas. A densidade é ali posta no engessamento ou na paralisia, pois a cidade não caminha, numa alusão ao Inferno de Dante Alighieri, onde as massas aglomeradas caminham por seus círculos, mas parecem não andar, tão numerosos são as filas de almas a ocupar os espaços que as vias parecem estreitas a Virgílio e a Dante.

Ou ainda, a fuga repentina da cidade, ou de um determinado espaço sufocante, onde o poema lancinante abre a porta para uma passárgada mais crua, no poema chamado, ironicamente, como Canção de ninar:

*O frio da manhã dando ferrovias
na alma
[...]
vontade de amanhecer
na china*

No poema O filho, a crueza e a dureza das relações familiares, onde a distância psicológica entre pai e filho se retomam pela lei do pai:

*Disseram-lhe do pai
quando já estava morto
ele na cidade grande e o pai pensando, não se fazia isso a um irmão, não se deixava fora uma
pessoa
só porque ela precisou deixar a própria casa
perder-se numa cidade de cão sem ninguém
não se fazia essa maldade a um filho que nunca
mais ia poder dizer pai cheguei voltei pai*

O interdito rompe a linguagem e faz do poema um grito, uma forma de libertar a dor que lacera a poeta, diante da crueza da realidade entre pai e filho. Simbolicamente, a linguagem da ausência se faz pelo discurso do poema, que existe para aplacar a dor. Neste sentido, a poeta constrói a base de sua poesia sobre o que está calado, sufocado, emparedado. O tema libertado pela palavra da poeta dá conta de um rio represado de dor e grito. A imagem da ausência do outro, o que poderia dar afeto e resolver a fome é revelada como ausência bruta e total solidão.

Essa vivência que só a poesia pode revelar, pela linguagem por tanto tempo interdita, como sinalizam as palavras do poema Natal:

*a comida estava na mesa era dia de natal
a mãe com os olhos vermelhos servia o risoto
o pai comia mastigava depressa olhava o prato
a gente sentia que o frango assado parecia
de pedra de tanto que não descia
pelas nossas gargantas.*

A lei do pai que rege o universo familiar é sufocante no poema; a dor lacerante da mãe com seus olhos vermelhos que transformam a comida em pedra dão conta de uma metáfora da real natureza do poema, de novo como grito, mas mudo, a libertar-se da dor na forma do poema, que se constitui como libelo, como força, como registro de tempos cruéis de convívio familiar. O poema ganha dimensão trágica, como construção de cena brechtiniana.

A poesia do interdito se estabelece como um sinal de valores onde a verdade alcança uma espécie de grau tão alto que o poema faz estralar as palavras que o compõe, tamanha condensação e força elas contém. Esta poesia é a que alcança o que a poesia primitiva atingia quando da formação dos povos: a verdade sobre a qual se assenta a construção do mundo, sem a qual, como sem o grito, não há libertação. Daí o grau de apuro e de proximidade entre a linguagem e o que ela diz, revelando um mundo oprimido, pleno de dor e ávido de redenção.

Toda - a vasta - poesia de Vera Lúcia de Oliveira é atravessada pelo calor do grito e pela dor, perfazendo os círculos internos das relações para chegar à possibilidade do entendimento da alma humana; criando uma alteridade que ganha força à medida em que avançam os poemas em que se encontra a vertente da identificação direta pela fala da poeta. A identificação só é possível porque a poeta tem uma visão definida do mundo, fazendo com que a sua poesia passe ao largo da produção contemporânea e se distinga pela força dos versos que realiza. Não há gratuidade na poesia. É densa e carregada do sentido mais primevo da verdade, entrecortada pelo ritmo que impregna os poemas de uma condensação do resultado, o poema. Poesia que fica e que incomoda o leitor.

Os poemas de Vera Lúcia de Oliveira aproximam o leitor da catarse grega do teatro. E mais não fosse, a poeta revela, pela linguagem, o interdito da cultura familiar, daquilo que durante vários anos não se pode falar. Em poema, a dor transcende e a catarse é realizada com poder de libertação do jugo e se estabelece um vínculo experiencial, entre a autora e o leitor. Já não como leitura apenas de fruição, mas como identificação das matrizes de um tempo que, conquanto próximo, já não existe mais. Para isso serve o poema. Para dizer do que somos feitos e para afirmar que a literatura, sobretudo a poesia, é a que condensa o maior grau de leitura da alma da humanidade, pois ela é a maior das Artes.